

DIPLE – B2

DIPLOMA INTERMÉDIO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

COMPREENSÃO DA LEITURA

INFORMAÇÕES e INSTRUÇÕES

Esta componente tem a duração de 75 minutos.

Esta componente tem 8 páginas e 55 questões.

Leia as instruções no início de cada parte.

Use um lápis para marcar as respostas das Partes 1-5 na folha de respostas.

Use uma caneta de tinta preta ou azul para escrever as palavras da Parte 6 na folha de respostas.

Não deve riscar ou rasurar as respostas na folha de respostas.

PARTE 1 // Questões 1-5

Leia o texto e responda às questões 1-5. Para cada questão existem quatro opções (A, B, C ou D). Escolha a correta. Marque as respostas na folha de respostas.

Câmara Municipal de Lisboa (CML) justifica remoção de calçada portuguesa

Numa assembleia municipal aberta ao público, que contou com a participação de representantes de várias organizações, um dos arquitetos da CML afirmou que “a cidade não está preparada para o *tsunami* demográfico que está a acontecer: o envelhecimento da população”. Por outro lado, garantiu que o objetivo não é acabar com o histórico chão da cidade. Porém, os defensores da calçada não ficaram convencidos. O arquiteto disse ainda que Lisboa não parece uma capital europeia: há estacionamento selvagens, passeios desmontados, ruas apertadas e sem espaços para os peões. Por isso, é preciso requalificá-la para os idosos e para as pessoas com mobilidade reduzida. Um estudo sobre as vantagens e desvantagens da calçada concluiu que a calçada provoca quedas, requer uma manutenção cara e mão-de-obra especializada, que é inexistente. A CML propõe-se combater a calçada sem qualidade: “Não vamos terminar com a calçada, nem arrancá-la”. Contrapondo-o, um membro do Fórum Cidadania Lisboa disse que “aos bocadinhos ou de uma só vez, vão acabar com a calçada”. Contou que já teve acidentes em pisos que não eram de pequenas pedras de calcário, como é o chão de Lisboa, e argumentou que o problema não é a calçada, mas sim a falta de manutenção e fiscalização. “Não existe uma entidade competente que responsabilize quem não faz o seu trabalho como deveria fazer. A calçada está mal colocada e por isso gera tantos problemas.”

A representante da Lisboa (In)Acessível, explica que andar sobre este pavimento não é igual a andar sobre outro qualquer. A calçada provoca um grande desconforto aos cidadãos com mobilidade reduzida. A oradora explicou que “as pedras, mesmo quando estão bem colocadas, dificultam a circulação”. E sugere: “Se não acreditam, podemos organizar uma corrida de cadeira-de-rodas e, no final, digam-me se a vossa opinião se mantém”. A representante desta organização reiterou que a calçada provoca um grande desconforto em cima da cadeira-de-rodas devido à inevitável, constante e muito incómoda trepidação. Acrescentou ainda que só quem a usa 24 horas por dia compreende aquilo com que tem de se confrontar e deixou uma pergunta no ar a que ninguém deu uma resposta concreta: é mais importante o património ou o cidadão?

Um cidadão que assistia à reunião interveio a favor da calçada e disse que “o problema é a não manutenção daquilo que temos e que faz parte da nossa cultura”. Justificou a sua posição acrescentando que “se as pedras estivessem bem unidas e o piso fosse regular, as pessoas com mobilidade reduzida já não sentiriam tantas dificuldades”.

Um membro do Plano de Acessibilidade da CML explicou que a solução tem de passar obrigatoriamente pela oferta disponível no mercado. “Agora, vamos experimentar um líquido antiderrapante para colocar sobre a calçada”, mesmo sabendo que a longo prazo não resulta, porque sai e porque a manutenção é dispendiosa.

In www.publico.pt (adaptado)

1. Na base da polémica está

- A. a decisão da CML de pretender intervir onde necessário, para tornar a cidade mais acessível.
- B. a decisão da CML de substituir toda a calçada portuguesa.
- C. a nova população que em breve virá habitar Lisboa e que causará um verdadeiro *tsunami*.
- D. o facto de a CML querer tornar Lisboa uma cidade mais europeia.

2. O representante do Fórum Cidadania Lisboa

- A. concordou com a opinião do arquiteto da Câmara Municipal de Lisboa.
- B. mostrou-se receoso de que o objetivo da CML pudesse, de facto, ser outro.
- C. deu como exemplo, para substituir a calçada, o facto de ele próprio já ter caído várias vezes.
- D. propôs a criação de uma organização que fiscalizasse a manutenção da calçada.

3. A representante de Lisboa (In)Acessível sugere que se faça um teste à calçada portuguesa:

- A. colocar bem todas as pedras e depois percorrer os passeios.
- B. pedir às pessoas com mobilidade reduzida para usarem a calçada.
- C. organizar um evento com pessoas de mobilidade reduzida.
- D. organizar um evento no qual as pessoas andem de cadeiras de rodas.

4. O cidadão que assistia à reunião participou no debate

- A. para contrapor o argumento de que a calçada dificulta a mobilidade.
- B. para confirmar a ideia de que a calçada é, de facto, extremamente incómoda.
- C. para destacar a ideia de que é muito importante manter o pavimento arranjado.
- D. para reforçar a ideia de que a calçada deverá ser removida rapidamente.

5. Sobre a manutenção da calçada, um membro do Plano de Acessibilidade da CML

- A. deixou claro que a solução não é barata nem durará sempre.
- B. apresentou a solução que definitivamente melhorará o pavimento.
- C. referiu que é necessário recorrer à oferta do mercado para encontrar o melhor produto.
- D. assegurou aos participantes que a solução encontrada é cara, mas muito eficaz.

PARTE 2 // Questões 6-15

Vai ler cinco opiniões sobre a calçada portuguesa (Opiniões A-E). Responda às perguntas 6-15 fazendo a correspondência entre estas e as opiniões A-E. Todas as perguntas começam com *Qual é a opinião que ...?* O mesmo parágrafo pode conter a resposta a mais do que uma pergunta.

Marque as respostas na folha de respostas.

Perguntas

Qual é a opinião que...

6. defende a necessidade de realizar alguma investigação, antes de tomar decisões?
7. atribui culpas pelo mau estado da calçada ao poder local?
8. propõe a mudança de atitudes, por questões relacionadas com a saúde?
9. argumenta a favor da existência de mais profissionais para repararem a calçada?
10. defende a manutenção parcial da calçada?
11. demonstra perplexidade pela falta de recursos?
12. defende a necessidade de se saber que materiais devem ser usados e em que calçadas?
13. acha que não é absolutamente necessária a existência de profissionais especializados?
14. atribui ao cidadão a responsabilidade de contribuir para a manutenção da calçada?
15. se insurge contra os que têm posições extremas e que só pensam nos seus pontos de vista?

Opiniões A-E

Calçada portuguesa: sim ou não? Um contributo para o debate sobre um “símbolo nacional”. A calçada portuguesa é um património de grande valor e parte da identidade nacional. Notícias recentes sobre a sua eventual substituição fizeram surgir diversas reações: os que a defendem apaixonadamente e aqueles que a veem como um obstáculo para atingir esse objetivo.

A. Só quem não tem pais que já entraram na terceira idade (que, naturalmente, têm problemas de mobilidade) é que pode ainda continuar a defender a calçada portuguesa! Não compreendo estas atitudes radicais que, por causa de umas pedras, esquecem as pessoas. Admiro o valor estético e patrimonial da calçada, mas, uma vez que coloca em risco a saúde pública, é tempo de a mudar!

B. A calçada portuguesa faz parte da nossa cultura há vários séculos e não podemos abdicar de um bem tão precioso. O problema não existiria se as autarquias se dispusessem a conservar regularmente essas calçadas. Na minha zona, quando começam a ficar em mau estado, peço que o problema seja resolvido.

C. Como é possível afirmar que a calçada portuguesa precisa de ser substituída por não haver quem a saiba reparar?! Se é assim, o que deviam fazer era promover a formação de calceteiros ou, pelo menos, de pessoas que pudessem intervir para tapar os buracos. Não é preciso que seja um especialista!

D. É de preservar a calçada portuguesa, mas apenas nas zonas históricas. A sua execução e conservação é extremamente cara e é um incómodo para as pessoas com mobilidade condicionada, com carrinhos de bebé, para as senhoras que usam saltos finos, etc. Por isso, inovar! Preservar e conservar apenas o tradicional essencial.

E. A mim, parece-me absolutamente necessário encomendar um estudo sobre os custos e a durabilidade dos vários materiais. É preciso saber como estão os pisos, antes de se proceder à sua remoção ou à sua conservação. E também é preciso saber quem a usa.

PARTE 3 // Questões 16-20

Vai ler uma entrevista a Mayra Andrade. Faça a correspondência entre as questões do jornalista (coluna A, questões 16 a 20) e as respostas de Mayra Andrade (coluna B, respostas A a F). Há uma resposta a mais.

Marque as respostas na folha de respostas.

Mayra Andrade está de regresso aos discos e aos palcos. Em dezembro, a cantora atua no CCB para apresentar o novo *Lovely Difficult*. Depois de *Navega*, *Stória*, *Stória* e *Studio 105*, Mayra aposta numa sonoridade mais *pop*, resultado das influências que foi tendo em Paris, onde vive há onze anos. Outra novidade: a cantora cabo-verdiana canta pela primeira vez em quatro línguas (crioulo, inglês, francês e português). Estivemos à conversa com ela, para saber um pouco mais sobre este novo trabalho.

<p>16. Nascestes em Cuba, mas viveste em Cabo Verde, Angola, Senegal, Alemanha e, mais recentemente, em França. De que forma toda essa mistura de culturas se reflete naquilo que és enquanto artista?</p> <p>17. <i>Lovely Difficult</i> é o teu quarto disco e o primeiro onde cantas em inglês. Porquê essa mudança?</p> <p>18. Todos os teus discos têm músicas da tua autoria, mas este disco foi quase todo composto por ti...</p> <p>19. És muitas vezes comparada com a cantora de referência de Cabo Verde, Cesária Évora. Como reages a essa comparação?</p> <p>20. Recebeste o prémio BBC Radio 3 World Music, na categoria <i>Revelação</i>. Como é receber um prémio dessa importância?</p>	<p>A. Acho que cada vez isso vai acontecer menos. Tenho ouvido isso praticamente desde que comecei a fazer concertos. Sempre entendi isso como um elogio, mas, ao mesmo tempo, sempre achei que musicalmente não fazia muito sentido.</p> <p>B. Toda a gente me pergunta o mesmo. Com os anos nasceu em mim a vontade de fazer um disco que fosse mais universal. Tenho feito música muito especializada, para um público bastante específico. Sou profundamente cabo-verdiana, mas, antes disso, sou cantora. Vivo há onze anos em Paris, convivo com músicos completamente diferentes e isso fez com que chegasse o momento de dizer “também quero experimentar isso, quero fazer concertos com esse tipo de música”.</p> <p>C. Estou muito contente com este espetáculo. O público vai poder ver e ouvir uma banda totalmente nova, com um formato novo. São músicos com um som muito mais <i>pop</i> e contemporâneo, que têm a capacidade de se apropriar desta minha sonoridade cabo-verdiana e de a transformar com arranjos diferentes.</p> <p>D. Senti a necessidade de o fazer. Sabia que as músicas iam ter origens muito diferentes e que ia ser mais fácil criar uma ligação entre as músicas, se eu interviesse mais. Assim o disco fica mais parecido comigo. Há composições de outros autores, mas há um fio condutor que é a minha interpretação, que dá uma identidade ao disco.</p> <p>E. Já foi há muito tempo... A primeira sensação é de grande surpresa. Claro que é uma honra muito grande, mas tenho a sensação de viver as coisas com uma certa distância. Valorizo, mas depois passa, a vida continua e não fico agarrada a isso. O meu maior prazer é anunciar essas coisas aos meus pais.</p> <p>F. Acima de tudo, na minha forma de estar na vida, na minha abertura, na forma descomplexada que tenho de “apanhar” coisas noutras sítios e misturá-las com as minhas. Acho que influenciou muito a minha atitude, a minha forma de ver a vida e de fazer música.</p>
---	---

PARTE 4 // Questões 21-25

Vai ler um texto sobre uma nova livraria em Lisboa. Os parágrafos A-F foram retirados da posição original no texto.

Reconstrua o texto colocando os parágrafos nos espaços 21-25. Há um parágrafo a mais. Marque as respostas na folha de respostas.

A finlandesa Leena Marjola deixou a contabilidade para se dedicar à livraria de livros em segunda mão e em inglês que abriu em Lisboa, por sentir falta deste tipo de livros quando se mudou para Lisboa, há dois anos.	PARÁGRAFOS A-F
21	A. "Isso ainda está fora de questão. Para já, a prioridade é pagar a renda e, se começar a comprar livros, não sei como vou sobreviver. Até porque tinha de estipular um preço e ainda tenho de investigar um bocado", explica Leena.
Leena nunca tinha estado em Portugal. Foi o marido que sugeriu uma visita a Lisboa. Depois de 30 anos na Finlândia e um ano em Londres, sempre a trabalhar demasiado, de manhã à noite, o casal decidiu mudar-se definitivamente para Lisboa. "Apaixonei-me por Lisboa", conta Leena, "e porque não encontrei os livros que queria, decidi eu própria inventar uma livraria: a Bívar". A livraria Bívar, ainda com poucas semanas de vida, já tem clientes famosos, como é o caso da escritora Alice Vieira, que decidiu divulgá-la na sua página de <i>facebook</i> .	B. "Juro que não tenho nenhuma comissão, mas abriu há duas semanas uma livraria só de livros ingleses e usados baratos (se se comprar mais de um, paga-se menos)", escreveu. "Ter uma livraria assim ao lado da minha casa sempre foi um sonho, esperemos que tenha vida longa."
22	C. "Tive um quando me mudei para Inglaterra, porque era muito caro levar os meus livros todos, mas nunca me habituei a ele. Os <i>ebooks</i> são bons para estudar. As escolas é que deviam usá-los em vez de usarem manuais.
A livraria, com uma pequena montra de vidro que quase passa despercebida, ainda tem um ar imaculado. Talvez por Leena gostar muito de organizar tudo, herança do trabalho de contabilidade que tinha na Finlândia. Na porta da livraria, há um espanta espíritos que anuncia a chegada de clientes. Ainda são poucos, até porque Leena não fez publicidade à loja, mas aos poucos vão aparecendo e têm gostos muito diversificados. Há quem prefira "aqueles livros que podemos esquecer na praia, outros que andam à procura de coisas específicas, biografias, por exemplo". Por falar nisso, pegámos na primeira que a mão alcança. Tem um aspeto quase novo.	D. E, como não encontrou uma livraria deste tipo, decidi eu própria abrir um negócio de livros em segunda mão. Não foi coisa que lhe tivesse passado pela cabeça, quando vivia na Finlândia.
23	E. Não fosse uma página estar dobrada em cima, nunca diríamos que se tratava de um livro em segunda mão. Quem dobrou a página provavelmente desistiu do livro quase no início - se calhar não é muito bom, isto dos livros em segunda mão tem vantagens.
Quando perguntamos o preço, Leena vai ver o preço na capa, cerca de 12 libras, e diz: "Posso fazer 5 euros". Os preços não estão marcados e quase tudo é regateável, principalmente para os clientes que levam vários. Os preços dependem do estado do livro, mas geralmente não passam dos 5 euros. Para já, a livraria Bívar não compra livros em segunda mão.	F. Agora já sei como é. Logo que puder, vou abrir uma outra loja. Vou abrir outro tipo de livrarias para vender livros de temáticas específicas. Quanto mais vender, melhor e hoje em dia é importante ter produtos para públicos muito diferenciados.
24	ionline.sapo.pt/ (adaptado)
O próximo passo é alargar a coleção de livros para crianças e expandir as prateleiras para as outras salas da livraria, que ainda estão desocupadas. "Em breve, vamos ter também um clube onde vamos falar sobre livros", adianta. E por falar em debate, quando lhe perguntamos o que acha dos <i>ebooks</i> , torce o nariz.	
25	
Mas isso não acontece, pois não? Cá em Portugal, os alunos têm de comprar livros novos todos os anos, não é? Não parece fazer sentido nenhum. Seria muito melhor se os materiais fossem fornecidos pelas escolas. Eu quero dinamizar as línguas, sobretudo para os mais pequenos.	

PARTE 5 // Questões 26-40

Complete o texto com as palavras que faltam nos espaços 26-40. Para cada espaço são dadas quatro palavras. Só uma está correta. Deve escolher a palavra correta e escrevê-la na folha de respostas.

Marque as respostas na folha de respostas.

Para podermos ___26___ um bom vinho português, temos de saber como guardá-lo. Mas, ainda antes de guardar um vinho, informe-se ___27___ do estado em que este deve ser consumido. Há vinhos que não ___28___ nada com o estágio em garrafa, porque estão prontos para serem consumidos quando são colocados no mercado.

Se pretender ___29___ uma garrafeira, é importante escolher, de acordo com o seu gosto pessoal, os vinhos a incluir na sua ___30___. O número de garrafas existentes deve ser proporcional aos seus hábitos de consumo.

A garrafeira deve ser um espaço amplo, ___31___ da luz e de variações de temperatura (que deve situar-se entre os 7°C e os 13°C). Quando existem grandes variações de temperatura, o vinho pode sair pela ___32___, o que significa que aqueceu em ___33___.

A humidade do ar é outro aspeto a ter em ___34___. Se o local destinado a guardar o vinho for demasiado húmido, pode comprar um aparelho desumidificador para ___35___ a humidade. Para se assegurar dos valores da temperatura e da humidade, o melhor é ___36___ um termómetro e um higrómetro. A garrafeira deve ter uma boa circulação de ar para que os cheiros indesejáveis, como o cheiro ___37___ mofo, sejam rapidamente eliminados. ___38___ vez na garrafeira, o vinho deve ser movido o menos possível. Geralmente, as garrafas são guardadas deitadas. As melhores garrafas devem estar mais perto do ___39___, porque é a zona mais fresca da garrafeira. As garrafas de vinho do Porto e Madeira devem ser armazenadas ___40___ pé.

in www.infovini.com (adaptado)

- | | | | |
|--------------------|---------------|---------------|---------------|
| 26. A. estimar | B. apreciar | C. venerar | D. respeitar |
| 27. A. respeito | B. logo | C. acerca | D. depois |
| 28. A. ganham | B. atingem | C. alcançam | D. recebem |
| 29. A. estabelecer | B. formar | C. constituir | D. edificar |
| 30. A. coletânea | B. antologia | C. coleção | D. compilação |
| 31. A. guardado | B. preservado | C. protegido | D. escondido |
| 32. A. tampa | B. rolha | C. cobertura | D. cortiça |
| 33. A. excesso | B. demasia | C. garrafa | D. grande |
| 34. A. atenção | B. alerta | C. conta | D. cautela |
| 35. A. sugar | B. absorver | C. anexar | D. abater |
| 36. A. conseguir | B. adquirir | C. obter | D. pôr |
| 37. A. do | B. de | C. ao | D. a |
| 38. A. Em | B. Uma | C. Cada | D. De |
| 39. A. piso | B. solo | C. pavimento | D. soalho |
| 40. A. em | B. a | C. no | D. com |

PARTE 6 // Questões 41-55

Complete o texto com as palavras que faltam nos espaços 41-55. A cada espaço corresponde apenas uma palavra.

Escreva as palavras na folha de respostas.

O *28Café*, no bairro lisboeta de Alfama, parece um elétrico, igual aos que ainda ___41___ nas ruas da cidade, mas, de facto, é um café. Se ainda não conhece este estabelecimento, ___42___ a pena passar por lá e provar a nova ementa servida pelos proprietários, que gerem este negócio já ___43___ quatro anos.

Depois da famosa *Tosta 28*, que tem ___44___ um verdadeiro furor entre os clientes do *28Café*, chega agora a ___45___ dos hambúrgueres serem a cabeça de cartaz de uma ementa mais diversificada e abrangente ao gosto de ___46___ ali se senta para recuperar ___47___, após uma visita ao Castelo de São Jorge.

Convidado para a estreia desta nova ementa, tive o ___48___ de saborear um delicioso hambúrguer com farinheira, ___49___ por um molho da casa excepcional e uma rodela de ananás. A visita ao *28Café* foi também uma ___50___ para viajar no tempo através das inúmeras fotografias expostas nas paredes que ___51___ a história dos elétricos de Lisboa.

Não são só as fotografias ___52___ permitem esta viagem na história, porque aos poucos ___53___ sido colocadas no *28Café* molduras com passes, bilhetes antigos e até dois bonés usados outrora por guarda-freios de Lisboa. Estes artefactos são sempre acompanhados de um breve texto porque, aqui, os clientes enchem a ___54___ com boa comida e desenvolvem os seus conhecimentos sobre aquele que é o ___55___ de transporte mais antigo da capital.

in www.agendalx.pt/ (adaptado)

FIM